



EVELYN BARBOSA PEREIRA

**Emprego de marcadores discursivos por imigrantes haitianos, aprendizes
de português como segunda língua**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFES, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

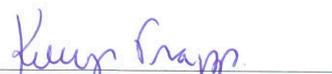
Orientadora prof.^a Dra. Cláudia Andrea Rost Snichelotto

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 9/12/2016.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dra. Cláudia Andrea Rost Snichelotto


Prof.^a Dra. Morgana Fabiola Cambrussi


Prof.^a Me. Kelly Trapp

Emprego de marcadores discursivos por imigrantes haitianos, aprendizes de português como segunda língua¹

Evelyn Barbosa Pereira ²

evypereira@yahoo.com.br

Resumo: Neste trabalho investigamos o uso dos marcadores discursivos (MDs) na fala de 2 informantes, adultos, sexo masculino, residentes em Chapecó, Santa Catarina, naturais do Haiti, que estão em fase de aprendizagem do português como segunda língua. Os informantes estão no Brasil com o intuito de trabalhar em agroindústrias do oeste catarinense e estudar. Atualmente os dois informantes frequentam as aulas do curso de extensão “Português para estrangeiros”, ofertado por bolsistas (estudantes de graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura) do Programa de Educação Tutorial (PET) Conexão de Saberes, da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Chapecó/SC. Os dados foram coletados por meio de entrevistas sociolinguísticas feitas em português pela autora desta pesquisa e gravadas em áudio. Após a audição das entrevistas, foi feita a transcrição para identificação dos MDs. A pergunta que orientou a investigação foi quais formas e contextos em que são empregados os MDs pelos imigrantes haitianos, residentes em Chapecó, aprendizes de português como segunda língua. Os resultados apontaram que os informantes bilíngues em crioulo haitiano e português empregaram 209 MDs da língua portuguesa, dentre os quais 121 (58%) MDs foram empregados pelo informante 1 e 88 (42%) pelo informante 2. As principais propriedades dos MDs empregados pelos imigrantes entrevistados são: a) inserem-se principalmente em contextos de planejamento verbal e busca de apoio; b) apresentam-se sem coocorrência de item circundante; c) ocupam a posição medial; d) são sintaticamente independentes; e) apresentam mais pausas anteriores; e, por fim, f) inserem-se em sequência argumentativas e factuais.

Palavras-chave: marcadores discursivos; haitianos; português como segunda língua.

Introdução

Neste artigo, investigamos o uso de marcadores discursivos (doravante MDs)³ na fala de dois informantes, adultos, sexo masculino, naturais do Haiti, residentes em Chapecó, Santa Catarina, considerando, que estão em fase de aprendizagem do português como segunda língua (doravante L2).

De acordo com Barbosa (2015, p.83), “as imigrações em massa dos séculos XIX e XX, são o movimento em que várias etnias saíram de seu estado, cidade, domicílio com

¹Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientadora Profa. Dra. Cláudia Andrea Rost Snichelotto.

²Acadêmica da 9ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *campus* Chapecó.

³ Adotamos a denominação marcadores discursivos (chamados por alguns autores também de marcadores conversacionais) porque, segundo Risso, Silva e Urbano (2002, p.22), “Embora esta outra [marcadores conversacionais] seja a mais corrente e aceita entre os linguistas brasileiros, reconhecemos nela uma limitação, por sugerir, inevitavelmente, um comprometimento exclusivo com um tipo de texto oral, que é a conversação.”

destino a outro país”. No caso do Brasil, os imigrantes carregavam muito mais do que o sonho de ascensão econômica através do trabalho, o desejo de partir acabou fornecendo mão de obra barata mas principalmente contribuíram para a história do país e para a cultura brasileira, através dos costumes, culturas, tradições (na comida, na música, na vestimenta), línguas diversas, que contribuíram com a língua portuguesa falada no Brasil.

O deslocamento de imigrantes europeus para o país faz parte da história familiar e de vida de milhares de brasileiros, que possuem avós e/ou bisavós italianos, espanhóis, portugueses, alemães, poloneses, etc, principalmente das regiões sul e sudeste do Brasil. Ao contrário do que a maioria pensa, não se herdou apenas sobrenomes. As línguas destes imigrantes (línguas de imigração), assim denominada por autores como Leiria (1999) e Curiolletti e Bortolotto (2013), contribuíram para o sotaque, a formação de dialetos, de variedades, enfim, para a diversidade linguística do Brasil.

No século XXI, a vinda desses cidadãos para o Brasil, de acordo com Curiolletti e Bortolotto (2013), possui outros motivos, já que a Europa passava por uma crise financeira que fez agravar o desemprego. Devido a isso, o país recebeu 268,5 mil imigrantes internacionais, 86,7% a mais do que em 2000, 143,6 mil (IBGE – 2010). Os principais países de origem dos imigrantes foram os Estados Unidos (51,9 mil) e Japão (41,4 mil). Verificou-se também que o Brasil está recebendo de volta muitos brasileiros que estavam no exterior. Do total de imigrantes internacionais, 174,6 mil (65,0%) eram brasileiros e estavam regressando ao país.

Segundo Barbosa (2015, p. 102), desde 2012 houve migração em massa de haitianos para o Brasil, por meio do estado do Acre. Essa imigração acontece devido a dois grandes terremotos que castigaram o Haiti desde 2010. O trajeto desses cidadãos até o solo brasileiro iniciou em Porto Príncipe no Haiti, passando por outros países, como Bolívia e Peru. Os haitianos estão em busca de uma vida melhor, como por exemplo, emprego, educação e saúde.

Uma das razões que atraem os estrangeiros para viver no Brasil é o fato de que o crescimento econômico ainda é destaque do cenário político mundial, apesar da situação extremamente delicada que o Brasil passa no âmbito político e econômico nos últimos anos. O país também atrai imigrantes haitianos em função da condição ambiental, livre de grandes desastres.

Assim, como forma de acolhê-los e evitar a entrada ilegal, o governo brasileiro criou a

proposta de intervenção social em que essas pessoas obtêm visto humanitário e podem solicitar CPF e carteira de trabalho para morarem e trabalharem no Brasil. Todavia, as discussões em âmbito nacional giram em torno do papel do governo brasileiro em criar uma proposta de intervenção social que possibilite uma recepção mais adequada a estas pessoas.

Segundo Barbosa (2015, p.170), os haitianos não são miseráveis que buscam o Brasil para ser seu novo lar, mas pessoas de classe média do Haiti e profissionais qualificados, como professores, advogados, mestre de obras, etc. Porém, a maioria deles chega sem dinheiro e enfrentam barreiras, como a língua e as más condições de trabalho, visto que muitas vezes não há tradutores nas empresas. De acordo com a autora, apesar do esforço, muitos haitianos não conseguem aprender a língua e nem estabelecer o mínimo de comunicação com colegas e chefes. Enfim, além de sofrerem preconceito racial e xenofobia, sofrem por vezes, preconceito linguístico.

No sul do Brasil, a presença de imigrantes haitianos ocorre, dentre outros motivos, porque esses cidadãos se tornaram mão de obra fundamental para agroindústrias da região. Em Chapecó, há expressivo grupo de imigrantes haitianos e muitos deles em situação de refúgio. Atualmente, algumas ações estão sendo promovidas pelas universidades, pelas entidades religiosas e pela Associação dos Haitianos de Chapecó para oferta de aulas de Português, por exemplo.

Na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *campus* Chapecó, tem sido promovido um processo seletivo especial⁴ para estudantes haitianos a fim de se preencher as vagas nos cursos de graduação não ocupadas por brasileiros. Também na UFFS/Chapecó, o Programa de Educação Tutorial (PET) Conexão de Saberes promoveu, de março a dezembro de 2016, o curso de extensão “Português para estrangeiros”, com certificação de 50 h/a. As aulas são ofertadas por bolsistas (estudantes do curso de graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura) semanalmente aos sábados à tarde, tendo em vista que a maioria dos inscritos trabalham nas agroindústrias de Chapecó de segunda a sábado.

As línguas oficiais do Haiti são o francês e o crioulo haitiano (*kreyòl ayisyen*), que é falado pela maioria da população. Cerca de 4,5 milhões de imigrantes falam o crioulo haitiano em outros países, tais como Brasil, Canadá, Estados Unidos, França, República Dominicana, Cuba, Bahamas e outros (BARBOSA, 2015, p.168).

⁴Em junho de 2016, período de elaboração do projeto de TCC, encontrava-se em andamento o Edital Nº 497/UFFS/2016, que regulamenta o Processo Seletivo Especial para Acesso à Educação Superior para Estudantes Haitianos – PROHAITI. Para mais informações, acesse < http://www.uffs.edu.br/images/Gabinete_do_Reitor/Arquivos/editais/2016/edital0497uffs2016.pdf>.

Com base nisso, a seguinte questão guiou esta pesquisa: quais as formas e os contextos em que são empregados os MDs pelos imigrantes haitianos, residentes em Chapecó, aprendizes de português como L2?

Os MDs são partículas, itens, ou expressões lexicais, que, a depender do contexto de uso, sofrem alterações, como por exemplo, abreviação fonológica, esvaziamento semântico e de algumas funções sintáticas.

Várias são as razões que nos levam a dedicar este estudo à investigação do uso de MDs por falantes de português como língua estrangeira, pois não só a aquisição de L2 vem sendo amplamente discutida desde o início da década de 80 do século XX, mas também o estudo sobre os MDs.

Este artigo está estruturado em três partes, incluídas esta introdução e as considerações finais: primeiramente, será apresentada breve revisão bibliográfica sobre língua materna, língua estrangeira e L2, sobre o histórico da aprendizagem de L2 no país e sobre as propriedades dos MDs. Na sequência, será apresentada a metodologia para levantamento da amostra de fala dos imigrantes haitianos, aprendizes de português como L2. Em seguida, são apresentados os resultados das propriedades dos MDs.

1 Referencial teórico

Esta seção apresenta o embasamento teórico que dará suporte para as reflexões analíticas acerca da investigação do uso de MDs por imigrantes haitianos, aprendizes de português como L2.

1.1 Língua materna, língua estrangeira ou segunda língua: breves conceitos

São difíceis de precisar os conceitos língua materna, L2 e língua estrangeira, pois a eles estão ligados outros tantos conceitos e pressupostos. Vejamos algumas definições sem a intenção de esgotá-las com esta pesquisa.

Mello e Raso (2011) ressaltam que a aquisição da língua materna (L1) acontece de maneira inconsciente, implícita e espontânea com imersão no ambiente de convivência.

Spinassé (2006) faz importantes ressalvas sobre os conceitos de língua materna ou L1, esclarecendo as condições em que é aprendida:

A Língua Materna, ou a Primeira Língua (L1) não é, necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende. Tão pouco trata-se de apenas uma

língua. Normalmente é a língua que aprendemos primeiro e em casa, através dos pais, e também é frequentemente a língua da comunidade. Entretanto, muitos outros aspectos linguísticos e não-linguísticos estão ligados à definição. A língua dos pais pode não ser a língua da comunidade, e, ao aprender as duas, o indivíduo passa a ter mais de uma L1 (caso de bilinguismo). Uma criança pode, portanto, adquirir uma língua que não é falada em casa, e ambas valem como L1. (SPINASSÉ, 2006, p.05 *apud* CURIOLETTI; BORTOLOTTI, 2013).

Nesse sentido, a aquisição da língua materna está associada ao contexto em que é adquirida, seja no contexto familiar, seja no contexto comunitário.

Uma L2, por sua vez, está associada com a escolarização, isto é, com o auxílio da educação formal. Portanto, ao contrário da L1, a L2 ocorre de forma consciente, explícita. Spinassé (2006) aproxima a definição de L2 e LE, e ambas se assemelham no fato de serem desenvolvidas por indivíduos que já possuem as habilidades linguísticas usadas na aquisição e no domínio de L1. A autora ainda destaca que o processo de aprendizado de uma LE não adere um contato completo como acontece com a língua materna, sem contar que uma língua estrangeira não serve necessariamente à comunicação, nesse sentido não designa um papel fundamental como a L1. Sendo assim, se adota a mesma perspectiva para designar L2 ou língua estrangeira.

Com relação à LE, Leiria (1999) destaca que a aprendizagem ocorre em espaços distantes do que a língua é falada, através do ensino formal, textos literários, sala de aula em que esse processo ocorre sempre com uma língua de prestígio.

Discordamos da aproximação entre L2 e LE de Spinassé (2006) e adotamos apenas a expressão L2, nesta pesquisa, por entender que a língua alvo dos imigrantes haitianos é o português, isto é, a língua falada pela maioria no Brasil, país de acolhida. O português, alvo da aprendizagem dos haitianos, não se constitui como uma LE, como seria o espanhol ou o inglês, por exemplo.

Destacamos ainda que, mais recentemente, alguns pesquisadores preferem adotar o termo língua adicional (LA), e não língua estrangeira. Para Schlatter e Garcez (2009, p.127), o termo LA pressupõe que não exista diferenciação entre falantes nativos e não nativos na medida em que o aprendiz da língua adicional fará uso dela para interagir em um contexto no qual está inserido e não excluído por ser “estrangeiro”. Além disso, o termo LA aponta para a escolha do aprendiz em adicionar mais uma língua a seu repertório. Nas palavras dos autores:

falar de uma língua adicional de uma língua estrangeira enfatiza o convite para que os educandos (educadores) usem essas formas de expressão para participar na sua própria sociedade. [...] esse convite envolve também a reflexão sobre que língua é essa, de quem ela é e de quem pode ser, a que ela serve, o que cada um tem a ver com ela (SCHLATTER; GARCEZ, 2009, p.128).

Decorrente da aceleração do processo de globalização cultural e econômica, que une culturas e línguas de maneira quase instantânea, tornou-se comum falar mais que uma língua. Segundo Grosjean (1982 *apud* MOTA, 2008), o bilinguismo é um fenômeno antigo na história da comunicação verbal entre os indivíduos. O autor destaca que o fato de diferentes grupos estabelecerem contato étnico, linguístico-cultural contribuiu para que, de alguma maneira, o fenômeno tenha acompanhado a evolução dos tempos.

McCleary (2007) discute o fato de que uma mesma pessoa pode demonstrar variação em sua bilinguidade, ou seja, na dinâmica da capacidade de uma pessoa ser bilíngue que pode mudar ao passar do tempo:

Um jovem imigrante pode começar sua vida com uma língua materna (a língua dos pais) e adquirir rapidamente sua segunda língua (a língua da comunidade e da escola). Com o tempo, se começar a usar a segunda língua quase exclusivamente, no trabalho e com seus próprios filhos, e se não tiver mais contato regular com pessoas que falam sua primeira língua, a pessoa pode perder sua proficiência na primeira língua.

Com relação ao bilinguismo, estudos apontam que no processo de aprendizagem de L2, a interferência é um fenômeno comum pois uma língua influencia a outra. Para Weinreich (*apud* MOTA, 2008), há interferência seja de uma língua ou de outra, em indivíduos considerados bilíngues. Sobre o mesmo tema, Aiub (2011) discorre que a interferência de uma língua sobre outra tem caráter de negatividade, pois o embate entre línguas nada mais pode ser do que desvios, isto é, algo que está em desacordo com as normas. Ainda sobre esse ponto, Aiub (2011) levanta uma problemática sobre a questão da familiaridade, ou seja, para o autor aprendizes que estão tendo seus primeiros contatos com a língua estrangeira, o grau de intimidade com a língua outra é menor. Portanto, entende-se que esses indivíduos não são bilíngues, e estão longe desse estágio.

1.2 Aprendizagem⁵ de L2: o histórico brasileiro

As relações de poder estão intrinsicamente ligadas à aprendizagem de uma L2, seja por questões econômicas, sociais e políticas.

⁵ Segundo Mota (2008), há uma distinção entre os termos aquisição e aprendizagem, em que a aquisição ocorre de maneira inconsciente, geralmente em contextos naturais (não instrucionais) e em situações de uso da língua. Já a aprendizagem se dá em contextos de instrução, escola de idiomas, por exemplo. Porém, Mota (2008) alerta que essas duas questões são vistas como controversas, pois é bastante provável que os dois processos ocorram tanto em ambientes instrucionais como em não instrucionais. Porém, não vamos nos deter nessa discussão nesta pesquisa.

Se voltarmos um pouco na história do Brasil, na época do descobrimento, a língua portuguesa, inicialmente, era LE, pois os colonizadores portugueses falavam a nova língua. Portanto, segundo Curioletti e Bortolotto (2013), as línguas indígenas eram as línguas nacionais, e cada grupo de índios tinha a sua L1.

Com o passar do tempo, devido, por exemplo, ao projeto pombalino de imposição da língua portuguesa, em meados do século XVIII, o português se torna a língua da maioria da população. Todavia, as línguas estrangeiras passam a aumentar ainda mais, devido ao Brasil ser um dos destinos principais de imigrantes europeus, principalmente no século XX. Nesse contexto, grande número de imigrantes alemães, italianos, poloneses, ucranianos, entre outros, vieram para o Brasil para trabalhar, já que o governo brasileiro, nesse mesmo período, realizava campanhas imigratórias devido à falta de mão de obra, gerada pelo fim do regime escravo. De acordo com Curioletti e Bortolotto (2013), esses cidadãos vieram para o país com dois objetivos: trabalhar como mão de obra nas fazendas paulistas de café e nos estados do Sul nas pequenas propriedades. O governo acreditava que os imigrantes europeus desenvolveriam a Região Sul, que até então era habitada somente por indígenas e caboclos que viviam na selva.

O processo de aprendizagem de L2 foi um processo de imposição às populações alóctones e autóctones pela nacionalização do português, por exemplo, neste caso os imigrantes europeus tinham sua língua materna e, com a imersão no contexto escolar, aprendiam a língua portuguesa como L2, porém continuavam falando a sua língua materna normalmente, sendo muitas vezes, proficientes nas duas línguas. (MELLO; RASO, 2011).

Segundo Mota (2008), há também situações em que países recebem indivíduos refugiados de outros países, em que os mesmos precisam aprender a língua daquele país para reconstruir sua vida, como é o caso dos dois informantes desta pesquisa, imigrantes haitianos, aprendizes de português como L2. Citam-se ainda as situações de aprimoramento educacional ou profissional em que as pessoas buscam aprender uma outra língua para viajar, para trabalhar, etc.

1.4 Marcadores discursivos

A investigação sobre as propriedades os MDs têm sido feita por vários pesquisadores. Citem-se, por exemplo, no Português Brasileiro, as pesquisas de Silva e Macedo (1996),

Castilho (1989), Risso (1999), Urbano (1999), Dal Mago (2001), Rost (2002), Freitag (2008), entre outras. Em Chapecó, citem-se, por exemplo, os estudos de Rost Snichelotto (2009), Trapp (2014), Silva (2014) e Scherer (2014), entre outros.

Marcuschi (1989) expõe que os MDs encontram-se em três categorias: prosódicos, não-lexicais e lexicais. Os primeiros podem ser vistos como pausas, mudanças de velocidade de fala e tem por objetivos um gerenciamento da interação verbal, já para os marcadores não-lexicais tem-se expressões como por exemplo, “ah”, “ih”, “hm hm” etc. Os últimos, os MDs lexicais, são classificados pelo autor como itens plenos, isto é, a forma dos itens é mantida, mas o sentido de determinados itens lexicais pode ser alterado, passando, como MD, para um sentido mais abstrato. Vejamos o exemplo do verbo “olhar”:

[...] ao operar como um marcador discursivo, adquire um sentido mais interacional. Por exemplo, em (a) Olha...não tenho como te responder isso agora” e (b) Olha o feijão para mim, por favor, no primeiro enunciado, o marcador “olha” pode sinalizar uma tentativa de resposta a um questionamento prévio e pode ser entendido como um iniciador de resposta que adquire significados como “não tenho muita certeza, mas acho que (...)”, enquanto que, no segundo exemplo, ele já está sendo usado em um sentido relacionado ao verbo ‘olhar’.

Conforme Marcuschi (1989), é possível reconhecer dois tipos funcionais de marcadores: os marcadores pragmáticos e marcadores textuais. Os primeiros são entendidos como interação verbal, ou seja, usados na oralidade, para conduzirmos uma conversa, manifestando sentimentos e intenções, exemplo (“e aí?”), ou para cobrar algo ou confirmar (“né?”, “sabe?”, “entende?”, “tudo bem?”) ou para continuar (“bom”, “bem”, “então”). Os segundos, no caso dos MDs textuais, estão associados à organização de um texto. Com eles iniciam-se ou recusam-se assuntos, temas (“bom, é o seguinte”, “essa não”, “sem essa”); aceitam-se temas ou proposições (“tá bom”, “vamos lá”), organizam-se sub-temas (“inicialmente”, “primeiramente”, “em segundo lugar”, “em seguida”), sequenciam-se temas (“e então”, “e aí”, “agora”) etc.

Castilho (2013) descreve os MDs como “palavras denotativas”, “expressões de realce”, “organizadores globais”, ou ainda, são vistos como elementos que verbalizam a fala.

Roncarati e Macedo (1997) investigaram a aquisição de MDs em primeira e em segunda língua comparando L1 e L2. No primeiro caso, tem-se crianças entre 4 a 10 anos que estão em fase de aquisição da primeira língua e, no segundo caso, indígenas do Alto do Xingu adquirindo o português como língua contato.

Ao investigarem a fala de crianças entre 4 a 10 anos, o objetivo de Roncarati e

Macedo (1997) era identificar em que idade a criança começa a adquirir fluência que a leve a usar os MDs e que funções discursivas-interacionais são adquiridas mais cedo. Já, ao examinarem a fala indígenas do Alto do Xingu, o objetivo era expor quais os itens e quais funções começam a serem usadas pelos aprendizes.

Outro aspecto de interesse de investigação das autoras referiu-se à existência de um possível padrão de aprendizagem pelo aprendiz de L1 e L2. Um exemplo desse padrão, exposto por Dulay e Burt (1978), mostrou que falantes de espanhol e de chinês aprendiam na mesma sequência diversos aspectos da morfossintaxe do Inglês, ou seja, indiciam a existência de padrões universais na base da aquisição das línguas não nativas.

A metodologia adotada para o estudo de L1 constou de gravações de fala 8 crianças de 4-6 anos, do PEUL (UFRJ)⁶ bem como de 4 crianças de 8-10 anos da amostra Censo. Para L2, a amostra envolveu a gravação de falas de 12 índios do Alto do Xingu. A quantificação dos dados foi realizada pelo pacote estatístico VARBRUL, desenvolvido por Sankoff e Pintzuk, (1988).

Os MDs identificados por Roncarati e Macedo (1997) nas duas amostras foram os seguintes: *né?*, *sabe?*, *viu?*, *ah*, *ih*, *oh*, *aí*, *assim*, *quer*, *dizer*, *agora*, *bem* e *olha*, conforme detalhamos a seguir.

Os MDs “*né?*” e “*sabe?*” são utilizados para identificar a atenção do interlocutor, como demonstram as ocorrências abaixo:

- (1) Por que você mexeu naquele negócio ali, né? (Criança)
- (2) Eu vinha para ficar um ano, e fiquei um ano, né? (Xingu)
- (3) Agora outro, tem que...vê só o negócio da festa, sabe? Negócio de briga, essas coisas, sabe? (RONCARATI; MACEDO, 1997, p. 118)

“*Aí?*”, de modo geral, é usado como um conectivo indicador de sequência:

- (4)Aí, a professora manda fazer as roupas...(criança)
- (5)Aí meu pai veio me buscá, eu voltei pra aldeia, fiquei uns seis meses lá. Aí queria vim pra cá de novo, aí vim. Aí fiquei até agora.(Xingu) (RONCARATI; MACEDO, 1997, p. 118)

“*Ah?*” (neste grupo, foram incluídas as outras interjeições *ih* e *oh*) é usada principalmente como indicador de turno, mostra concordância ou lembrança, súbita.

- (6)Ah! Daí veste a roupa de bruxa...(criança)
- (7)E:Por quê?
- Ah, porque ele fica chorando. (criança)

⁶PEUL (UFRJ) – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua localizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

(8)E:Sei.Mas muito difícil quando começa assim aprender

K: Ah, difíce sim.

E: É?

K: Ah, a gente num sabia logo né. Agora, por exemplo, o Orlando falava assim, né: 'Vai buscá esse' ...ele falava então : “rorpa de cama”, “travessero” .(Xingu) (RONCARATI; MACEDO, 1997, p. 119)

“Assim” é usado para especificar parte de sintagmas, ocorrendo, na maioria das vezes, entre um X e seu 'complemento', como, por exemplo, entre um nome e um adjetivo, entre o verbo e o complemento, entre um adjetivo e um advérbio etc. “Assim” pode também ocorrer em posição final. Veja as ocorrências abaixo:

(9)E:Gosta de roda gigante?

Assim, de roda assim...(criança)

(10)Lá não tem ninguém, só FAB mesmo. Lá não tem assim civil nenhum lá

(11)Mora ali, cinco dia foi lá visitá Orlando. Tão- tá visitando assim só ele assim. (RONCARATI; MACEDO, 1997, p. 119)

“Bom” e “Olha” são frequentemente usados no início de turno, onde funcionam como atenuadores, ligados às funções de polidez, conforme as ocorrências a seguir:

(12)E: A mulhé também?

A: Bom, a mulhé tamém pode ficá junto, mas a mulhé pode saí.

Como ela quisé.

(13)E: E a estrada?

A: Olha, esse é muito problema memo. Essa aí que é muito importante pra nozi. Estrada que tá passando no Txukarramãe, que muito memo.(RONCARATI; MACEDO, 1997, p. 119)

“*Quer dizer*” reformula orações ou períodos (exemplos 14 e 15), ao contrário de “assim”, que especifica sintagmas ou parte de sintagmas.

(14) Essa é uma história assim...qué dizê, pessoal já morava lá, pra lá da estrada né. Estrada quando cortô, pessoal, Txucarramãe, morava lá pra baixo.

(15) Qué dizê, o parque era até lá na cachoeira né. E, e...naquele. Tempo, Olando queria mudá, todo mundo pra, mais perto do Diawarum né. (RONCARATI; MACEDO, 1997, p. 119-120)

Os itens examinados no trabalho englobam as principais funções dos MDs no discurso: (a) a de verificar se a interação está ocorrendo; (b) a de organizar e manter a coesão do texto; (c) a de reformular e (d) a de manter a harmonia (função ligada às normas de polidez).

Segundo Roncarati e Macedo (1997, p. 125), as diferenças entre L1 e L2 começam nas funções discursivas, pois os MDs são adquiridos mais tardiamente pelas crianças. Foi possível verificar, inclusive, que crianças utilizam menos MDs e menos conectivos em geral do que os adultos.

Andrighetti (2009, p. 47) afirma que,

ao entrar em contato com as situações de uso da linguagem, os aprendizes apresentaram estranhamento em relação ao uso de MDs, por exemplo. A autora demonstra que é comum em uma conversa utilizarmos os MDs de forma reduntante, em que os mesmos tem a função, por vezes, de “expor ao interlocutor que estamos acompanhando o que ele diz (“entendo”, “sei”).

Além do estranhamento, a autora faz reflexões relacionadas à variação linguística presente na oralidade, os MDs por serem de uso frequente nesta modalidade da linguagem aparecem para diversos autores como elementos multifuncionais, pois operam em muitas esferas: organizadores da interação, articuladores do texto etc.

Andrighetti (2009, p. 137) amplia a discussão sobre a importância das condições de produção para decidir o que é apropriado ou não, para práticas de produção oral. Segundo a autora, os MDs são elementos dos quais fazemos uso em nossa fala para marcar sentimentos, questões identitárias etc, como por exemplo, os marcadores (“ah”, “uhuuu”, “bah”). Andrighetti (2009) também atenta para os significados que os MDs podem ter, e trabalha com um exemplo muito usado em Porto Alegre, o “bah!”, que pode significar alegria, surpresa, tristeza, etc.

Por fim, Andrighetti (2009) sugere que compreender o funcionamento da oralidade em contextos reais de comunicação onde a produção ocorre e, a partir disso, perceber e reconhecer as características da língua falada, é atribuir sentidos aos gestos feitos pelos participantes nesse contexto específico; é compreender significados de expressões, gírias e marcadores conversacionais em contextos específicos de uso; é levar em conta hábitos, costumes, semelhanças e diferenças. Segundo Andrighetti (2009):

ao pensarmos o ensino da língua sob essa perspectiva, parece ficar mais fácil aceitar que uma forma linguística não é sempre idêntica, não possui um único significado e um único uso, mas é flexível e variável, podendo assumir diferentes acepções, dependendo do contexto em que está sendo usada e também com quem nos comunicamos.

2 Metodologia

Propomos, para esta pesquisa, os seguintes procedimentos metodológicos divididos

em duas etapas:

Na primeira etapa, foi efetuada uma pesquisa bibliográfica, sobre a definição e caracterização de MDs; e, na segunda etapa, foi realizada a pesquisa de campo, que comportou, num primeiro momento, a observação das aulas do terceiro e último nível do curso de extensão “Português para estrangeiros”, ofertado por bolsistas (estudantes de graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura) do PET Conexão de Saberes, da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Chapecó/SC, para conhecimento (e convite aos) prováveis informantes aprendizes de português como L2 para participação na pesquisa. Lembrando que apenas dois alunos da turma de 14 matriculados aceitaram participar das entrevistas. A turma foi definida pelo PET como o grupo mais desenvolvido da L2 e através da observação das aulas indentificou-se que todos eles empregam MDs. Feito (e aceito) o convite aos imigrantes haitianos, aprendizes de português, identificado seu perfil social (sexo, idade, nacionalidade, etc.), os dados foram coletados, num segundo momento, por meio de entrevistas sociolinguísticas⁶, gravadas em português, em áudio e com duração média de 60 minutos cada. Nossa amostra, portanto, é constituída por duas entrevistas feitas pela autora desta pesquisa com os dois informantes nos dias 27/08 e 24/09/2016. O informante 1 é haitiano, homem, de 23 anos, com ensino médio completo, e o informante 2 é haitiano, homem, de 24 anos, com ensino superior incompleto. Os informantes falam crioulo hatiano, espanhol, inglês e português. Os informantes vieram diretamente para Brasil com o intuito de trabalhar e estudar. Chegaram em Chapecó, Santa Catarina para trabalhar em agroindústrias e estudar. Atualmente o informante 2, estuda no curso de Ciências da Computação da UFFS além do curso de português para estrangeiros ofertado pelo PET. O informante 1 apenas frequenta o curso de extensão da UFFS. O trajeto para chegar ao Brasil foi longo, pois os haitianos passaram pelo Peru até finalmente desembarcarem no Norte do Brasil. Finalizadas as entrevistas, foi feita sua audição e transcrição para descrição e análise do uso dos MDs pelos informantes haitianos, aprendizes de português. Por fim, fizemos o cálculo de frequência de cada variável e, a partir desse resultado quantitativo, procedemos às análises qualitativas para entender as propriedades dos MDs empregados pelos aprendizes de português.

⁶ O roteiro de entrevistas sociolinguísticas são provenientes do projeto “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina” (VMPOSC), financiado com recursos da Chamada Pública FAPESC nº 04/2012 – Universal e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Fronteira Sul (Processo CAAE: 17011413.2.0000.5564).

3 Descrição e análise dos dados

Esta seção objetiva apresentar os resultados da investigação do uso de MDs na fala dos dois imigrantes haitianos investigados, aprendizes de português. Primeiramente, efetuamos o levantamento de todas as ocorrências de MDs na amostra e, em seguida, procedemos à análise quantitativa dos dados, por meio de um cálculo de frequência dos itens de cada propriedade controlada. Identificamos o número total de 209 MDs do português nas duas entrevistas. Deste total, 121 (58%) MDs foram empregados pelo informante 1 e 88 (42%) pelo informante 2, conforme se visualiza no gráfico 1 a seguir:



Gráfico 1: Percentual de MDs do português empregados pelos imigrantes haitianos
Fonte: A autora (2016)

A seguir, procedemos à apresentação dos resultados das propriedades dos MDs. A fim de identificar essas propriedades dos MDs presentes na fala dos informantes, controlamos a forma, os contextos de uso, a posição, a sequência discursiva, a coocorrência e a relação sintática dos itens.

3.1 Forma dos MDs

3.1.1 Caracterização

Os MDs podem assumir três formas: prosódicos, não-lexicais e lexicais. Nos primeiros entram a entonação, as pausas, a hesitação, o tom de voz e tem por objetivo um gerenciamento da interação verbal. No caso dos segundos tem-se expressões como por exemplo, “ah, mhm” etc. Os últimos, os MDs lexicais, se desempenham como itens plenos, geralmente aparecem como palavras verbalizadas pelo falante (MARCUSCHI, 1989).

3.1.2 Resultados

As tabelas a seguir mostram os resultados quanto à forma dos MDs identificados nas duas entrevistas da amostra. Controlamos, nesta pesquisa, apenas os MDs lexicais e não lexicais. Não foram controlados os MDs prosódicos⁷ (MARCUSCHI, 1989), pois entendemos que requerem outros recursos de análise além da audição e da transcrição.

TABELA 1 - Forma dos MDs na amostra

Forma dos MDs	Lexicais		Não-lexicais	
	Apl./total	%	Apl./total	%
Informante 1	66/121	55	55/121	45
Informante 2	62/88	70	26/88	30
	128/209	61	81/209	39

Fonte: A autora (2016)

Conforme a tabela 1, do total de 209 ocorrências de MDs na fala dos imigrantes haitianos entrevistados 128 (61%) MDs são lexicalizados, o que é bastante significativo, e 81 (39%) são MDs não-lexicalizados. Se considerarmos os informantes individualmente, percebe-se que o informante 2 emprega mais formas de MDs de origem lexical (70%) em comparação ao informante 1, que usa 55% dessas formas.

Vejamos, a seguir, qual a categoria de origem dos MDs lexicais empregados pelos informantes.

TABELA 2 – Origem dos MDs lexicais da amostra

Origem dos MDs lexicais	Informante 1		Informante 2	
	Apl./total	%	Apl./total	%
Derivados de verbos (por ex., entendeu, sabe, né?, eu acho que)	26	39	29	47
Derivados de adjetivos (por ex., claro)	1	2	1	2
Derivados de advérbios (por ex., então, aí, daí, assim, bem, exatamente)	25	38	15	24
Derivados de pronomes (por ex., isso tudo)	2	3	-	-
Derivados de conectores (por ex., mas aí, só que)	12	18	17	27
Total	66/128	52	62/128	48

Fonte: A autora (2016)

Conforme a tabela 2, do total de 128 ocorrências de MDs lexicais empregados nas entrevistas concedidas pelos informantes haitianos, observa-se equilíbrio no uso dos MDs

⁷Não foram controlados o uso de MDs prosódicos, no entanto, dentro do total da amostra de 209 MDs, é possível que algum deles seja prosódico.

lexicais. O informante 1 usou 52% das formas derivadas de diferentes categorias gramaticais e o informante 2 empregou 48% das formas. A maior concentração dos MDs está entre os derivados de verbos e de advérbios. O informante 1 usou 39% das formas derivadas de verbos e o 2 utilizou 47%. Na sequência, o informante 1 empregou 25 (38%) MDs derivados de advérbios, ao passo que o informante 2 utilizou 17 (27%) MDs derivados de conectores.

Controlamos apenas a origem dos MDs lexicais do português porque entendemos que os MDs não lexicais podem ter contextos de uso que se assemelham no português e no crioulo haitiano.

3.2 Contextos de uso dos MDs

3.2.1 Caracterização

O aspecto relevante dos MDs é o das funções que desempenham. Segundo Marcuschi, os MDs desempenham funções mais genéricas e funções mais específicas. As primeiras, são por exemplo, a função articuladora e a estruturadora, já as funções específicas referem-se a monitoramento do ouvinte, de sinalizadores de hesitação, de atenuação, etc.

Consideramos que os MDs estão em contexto de atenuação quando se percebe o não comprometimento do falante com as informações, indicando incerteza do falante. Cite-se como exemplo o MD “*Eu acho que*”. Vejamos uma ocorrência de MD que ocorre nesse tipo de contexto na nossa amostra:

(1) Entrevistadora: O grau de escolaridade de vocês também, varia de cada um, né, assim?

Informante 1: Mhm não, eu fiz tudo, meu estudo, só a universidade que eu não fui, porque não gostei, verdade, e também a economia que não era tão bem pra ir na universidade, mas *eu acho que*, ali eu to morando com os colega só eu que tenho um grau mais alto, sim só eu, porque os demais, bem baixo.

Consideramos que os MDs estão em contexto de planejamento verbal quando se percebe que o informante deseja ganhar tempo para pensar e elaborar uma resposta. Cite-se como exemplo o MD “*mhm*”. Vejamos uma ocorrência de MD que ocorre nesse tipo de contexto:

(2) Entrevistadora: É um benefício, um adicional no salário?

Informante 1: *mhm*, é, sim, um benefício. Acho que é bom o adicional.

Consideramos que os MDs estão em contexto de exemplificação quando se percebe que o informante acrescenta imediatamente informações que particularizam e/ou exemplificam o que ele diz. Vejamos uma ocorrência:

(4) Entrevistadora: E daí, para vim aqui, no curso?

Informante 1: Tem que pagar passagem, *por exemplo*, eu estava com meu amigo Jouse, cheguei, ele foi lá me buscar, em casa, eu vim lá de a pé, sim, caminhando, falando, chegamo aqui.

Consideramos que os MDs estão em contexto de causalidade quando se percebe na conexão de duas orações uma das quais encerra a causa que acarreta a consequência, explicação ou conclusão contida na outra. Vejamos uma ocorrência:

(5) Entrevistadora: Porque você escolheu esse lugar para morar?

Informante 1: Sim, porque aquele que só fala de dinheiro, dinheiro, ele estava aqui primeiro que eu no Brasil, mhm... ele já tem dois ano e meio, mas o menos. Daí eu falei por telefone quando eu estava lá em República Dominicana "Ah, você pode me esperar, não sei" , aí ele fala que sim, e fiquei em casa dele, uma casa alugada dele. *Então*, que dia depois ele saiu de lá e também sai, morei aqui, no Chapecó [...].

Consideramos que os MDs estão em contexto de interjeição quando se percebe que o informante mostra concordância ou lembrança súbita. É usada principalmente como início de turno. Vejamos uma ocorrência:

(7) Entrevistadora: Vocês leem alguma coisa dentro da casa, livro?

Informante 1: uhn, não, só eu leio livro. [...] mhm, porque tem um lá que fala que só precisa de dinheiro, eu vi que a vida, tudo não é dinheiro, tem que buscar outra coisa, aprender, não sei, uma pessoa, uma esposa, sim, tudo não é dinheiro. Eu aprendi isso que tudo não é dinheiro, ter uma pessoa boa também, um bom amigo, sim, bom colega, não tudo não é dinehiro. Eu sempre to brigando com ele porque ele diz "*ah*, não, tudo é dinheiro, eu vou ficar 5 ano trabalhando depois vou voltar pro meu país, eu precisa só dinheiro" [...]

Consideramos que os MDs estão em contexto de busca de apoio quando se percebe que o informante deseja testar a participação do interlocutor ou busca apoio ao que é dito. Vejamos uma ocorrência:

(9) Entrevistadora: E por que você escolheu essa área de Ciência da Computação?

Informante 2: Mas, desde que eu era criança eu gostava de isso. Mas agora é bem difícil. *Ne*⁸?

Consideramos que os MDs estão em contexto de especificação quando se percebe que o informante deseja especificar sintagmas ocorrendo entre um nome e um adjetivo, verbo e complemento, adjetivo e advérbio. Vejamos uma ocorrência:

⁸ O MD "*Ne*" poderia também ter um indício de "gerenciamento da interação verbal", próprio dos MDs prosódicos, mas nesse caso adotaremos o uso como "busca de apoio".

(11) Entrevistadora: Sobre festas, você disse que não vai?

Informante 1: Eu não gosto, porque eu não bebo nada, só Coca, refrigerante coisas *assim*.

Consideramos que os MDs estão em contexto sequenciação quando o informante deseja especificar, usado como dêitico de lugar. Vejamos uma ocorrência:

(12) Entrevistadora: E daí, para vim aqui, no curso?

Informante 1: Tem que pagar passagem, por exemplo, eu estava com meu amigo Jouse, cheguei, ele foi lá me buscar, em casa, eu vim lá de a pé, sim, caminhando, falando, chegamo aqui. Mas o dia que tá atrasado, pega um onibus. 2, 90 *ai* tem sábado que chego mais cedo, onibus tá bem difícil de achar no sábado.

3.2.2 Resultados

A tabela a seguir mostra os contextos de uso proeminentes em que se inserem os MDs identificados nas duas entrevistas da amostra.

TABELA 3 - Contexto em que se inserem os MDs na amostra

Contexto em que se inserem os MDs	Informante 1		Informante 2	
	Apl./total	%	Apl./total	%
Atenuação	17/26	14	9/26	10
Planejamento verbal	38/48	31	10/48	11
Exemplificação	13/25	11	12/25	14
Causal	10/12	8	2/12	2
Interjetiva	21/33	17	12/33	14
Busca de apoio	10/31	8	21/31	24
Especificação	14/32	12	18/32	20
Sequenciação	8/15	7	7/15	8
Total	121/209	58	88/209	42

Fonte: A autora (2016)

Conforme a tabela 3, do total de 209 ocorrências dos contextos em que os MDs são empregados pelos informantes, observa-se a maior incidência de contextos de planejamento verbal, em seguida, encontram-se os contextos de busca de apoio e de especificação. Observando os informantes individualmente, percebe-se que 31% dos MDs utilizados pelo informante 1 foram de planejamento verbal, seguido de MDs com contexto de busca de apoio com 8% do total, observa-se ainda que o menos utilizado foi o de sequenciação com apenas

7% de incidência, ao passo que o informante 2 atém-se com maior frequência em MDs com busca de apoio atingindo a marca de 24% dos valores, e com uma diferença mínima MDs com contexto de especificação 20%, os MDs com contexto causal foram os menos utilizados por este informante registrando apenas 2% do total.

3.3 Coocorrência de outros itens junto aos MDs

3.3.1 Caracterização

No levantamento de nossa amostra, verificamos que os MDs coocorrem com conectores, com palavras reforçadoras ou isoladamente.

Consideramos como “coocorrência a conector” os contextos em que os MDs se ligam a conectores para enfatizá-los, trazendo a atenção do ouvinte para o fato de que mais informações serão dadas. Vejamos uma ocorrência de contexto em que os MDs coocorrem com conectores na nossa amostra:

(14) Entrevistadora: A casa é alugada?

Informante 1: Exemplo, tem que pagar se tá morando 5 pessoas, 200 reais, R\$ 950,00 mais ou menos da casa, para pagar a casa tem que dividir, "eu R\$ 200,00, ele R\$ 200,00, ele R\$ 200,00, assim. E internet paga separado, exemplo que eu posso pagar 20, aquele 25, dividir. Mas, *só que* este mês eu posso colocar o gás, este mês outro, outro mes outro, até colocar de novo. Assim que estamos fazendo, sim.

Consideramos como “coocorrência a palavra reforçadora” os contextos em que os MDs se ligam a palavras que reforçam ou realçam a ideia expressa pelo falante. Vejamos uma ocorrência de contexto em que os MDs coocorrem com palavras reforçadoras:

(15) Entrevistadora: E alguma história diferente que você acha que vai contar para os teus filhos?

Informante 1: Sim, tem sim, muita história. Mais ou menos a vida no Brasil, como viajei de aqui para cá, uma história bem longe, exemplo, que eu sai do meu país, fiz escala de Equador, de Equador para cá de onibus. Sabe, muitas horas de onibus. Mais o menos, 15 dias, passei o Peru, a capital do Peru, do Peru cai Rio Blanco, para chegar aqui tudo, tudo de ônibus. [...] Quando cheguei aqui eu não sabia que ônibus vinha para cá, eu vi dois mulher bem velha, mais preta que eu, cabelo mais ruim que eu, comecei a falar em Criolo para ela, "ah, você poderia falar qual onibus vai para Santa Catarina", eu não conhecia bem, só meu colega fala "Ah, SC, você vai pedir que onibus que vai para Santa Catarina, Chapecó eh eu não conhecia bem, comecei a falar isso pra ela, ela ficou olhando, "que ele falou?" (risos). [...] Eu pensei, como uma Haitiana não entende o meu idioma [...] Então, eu fiquei um pouco triste, sim. Mas nunca percebi, que ela não era Haitiano. E depois ela foi falar com o Polícia e pedir desculpa porque acho que pensou que eu ia assaltar, algo assim, porque eu tava falando coisa que ela não sabia [...] Sabe lá em São Paulo é bem difícil falar com pessoa estranha, que você não conhece, e ela tava com medo, sim, e depois eu fiquei normal. *Sabe* lá em São Paulo é bem difícil falar com pessoa estranha, que você não conhece, e ela tava com medo, sim, e depois eu fiquei normal.

Consideramos como “sem coocorrência” os contextos em que os MDs se manifestam isoladamente, ou seja, sem elementos circundantes. Vejamos uma ocorrência de contexto em que os MDs ocorrem isoladamente:

(16) Entrevistadora: E outras profissões, qual que é a tua profissão atualmente?
 Informante 1: *íhm* Eu estudei 7 meses informática *íhm* faz mas o mesnos 7 meses que eu aprendi alguma coisa, manejar *íhm* trabaiaar bem no excel, word.

3.3.2 Resultados

A tabela a seguir mostra se os MDs coocorrem ou não com elementos circundantes nas duas entrevistas da amostra:

TABELA 4 - Coocorrência dos MDs na amostra

Coocorrência	Informante 1		Informante 2	
	Apl./total	%	Apl.Total	%
com conector	11/18	10	7/18	8
com palavra reforçadora	4/5	2	1/5	1
sem coocorrência	106/186	88	80/186	91
Total	121/209	58	88/209	42

Fonte: A autora (2016)

Conforme a tabela 4, do total de 209 MDs empregados pelos informantes, observa-se que a maioria (186 das formas totais) dos MDs ocorrem isoladamente na amostra: 88% dos MDs empregados pelo informante 1 e 91% dos MDs usados pelo informante 2.

3.4 Posição dos MDs

3.4.1 Caracterização

No levantamento de nossa amostra, identificamos três tipos de posição em que os MDs ocorrem nos turnos de fala dos informantes: inicial, medial e final.

De acordo com Marcuschi (1989), as posições dos MDs na cadeia sintagmática do discurso ficam potencialmente definidas por muitos fatores e constituintes.

Segundo Urbano (1999):

posição inicial trata-se de formas localizadas no início de frases. Incluem-se aqui os casos de início de fala citada em discurso direto. No caso da posição medial, refere-

se as formas localizadas no interior de frases, inclusive no meio de sintagmas. E por último, a posição final são as formas localizadas no final de frases.

Segundo Macedo e Silva (1996, p. 39), “identificaram as formas *ah*, *bom* e *olha* como iniciadoras de tópico, tanto no interior do texto como no início de turnos. Consideramos três posições em que os MDs ocorrem nas entrevistas”.

A posição inicial ocorre quando as formas estão localizadas no início de turnos e sentenças. Incluem-se aqui os casos de início de fala citada em discurso direto. O início também é o lugar do *engate*, dá coesividade sintagmática na cadeia coesiva. Vejamos uma ocorrência do que consideramos como posição inicial dos MDs:

(16) Entrevistadora: E o espanhol? Qual é o país que você estudou?
Informante 1: *éh...* República Dominicana que eu estudei Espanhol que tá perto de Haiti.

A posição medial ocorre quando as formas estão localizadas no interior de turnos, sentenças ou de sintagmas. Vejamos uma ocorrência do que consideramos como posição medial dos MDs:

(17) Entrevistadora: E tu tá gostando do que tu tá fazendo, desenvolvendo... ou esta procurando outro emprego?
Informante 1: Eu to buscando sim, mas não é emprego. Eu tou buscando para sair do país, porque causa de que o salário que tá bem pouco, não consigo ajudar minha família. porque ali eu sai de lá para ajudar minhas irmã, porque ali é só eu de macho, só minhas mãe e minhas irmã, são como 5 muié e sou sozinho como homem, e *dai* eu sai para ajudar, e não consegui em verdade não to conseguindo ajudar, tá bem pouco o salário...

A posição final ocorre quando as formas estão localizadas no final de sentenças ou de turnos. Vejamos uma ocorrência do que consideramos como posição final dos MDs:

(18) Entrevistadora: Então, ele que alugou a casa, conversou com o Dono?
Informante 2: Exatamente, porque ele chegou aqui primeiro, eu vim depois, *entendeu?*

3.4.2 Resultados

A tabela a seguir mostra a frequência de distribuição das diferentes posições dos MDs identificados nas duas entrevistas.

TABELA 5 - Posição dos MDs na amostra

Posição	Informante 1		Informante 2	
	Apl./total	%	Apl./total	%
inicial	32/61	27	29/61	33

medial	79/116	65	37/116	42
final	10/32	8	22/32	25
Total	121/209	58	88/209	42

Fonte: A autora (2016)

Conforme a tabela 5, do total de 209 ocorrências dos MDs, a posição em que localizamos maior parte dos MDs foi a posição medial com 116 dos itens situados nesta posição, 65% dos MDs empregados pelo informante 1 e 42% pelo informante 2 encontram-se nesta posição. Na sequência, a segunda posição em que mais apareceram os MDs foi a inicial com 165 itens situados nesta posição. Observando os dois informantes individualmente, percebe-se que 27% no informante 1 e 33% no informante 2, as porcentagens (%) restantes estão distribuídas na posição final com menor frequência 8% no primeiro caso, e 25% no segundo.

3.5 Relação sintática dos Mds

3.5.1 Caracterização

No levantamento de nossa amostra, identificamos uma característica fundamental dos MDs, que é a propriedade de independência sintática em relação à construção em que se inserem. De acordo com Marcuschi (1989) e Riso, Silva e Urbano (1996), independência sintática significa que essas expressões são descartáveis sem prejuízo da construção sintagmática em si, pois estruturalmente os marcadores discursivos não estão integrados como constituintes essenciais. Para os autores a relação sintática dependente aparecem em contextos em que os itens, devido sua composição como unidade estruturalmente mais marcada, parece estar mais preso a seus traços verbais.

Consideramos como sintaticamente dependente quando o MD não está alheio à estrutura gramatical da sentença. Vejamos uma ocorrência do que consideramos como dependência sintática dos MDs:

(19) Entrevistadora: E tu tá gostando do que tu tá fazendo, desenvolvendo... ou esta procurando outro emprego?

Informante 1: Eu to buscando sim, mas não é emprego. Eu tou buscando para sair do país, porque causa de que o salário que tá bem pouco, não consigo ajudar minha família. porque ali eu sai de lá para ajudar minhas irmã, porque ali é só eu de macho, só minhas mãe e minhas irmã, são como 5 muié e sou sozinho como homem, e *dai* eu sai para ajudar, e não consegui em verdade não to conseguindo ajudar, tá bem pouco o salário...

Consideramos que o MD está sintaticamente independente quando encontra-se alheio à estrutura gramatical da sentença. Inclusive, as expressões são descartáveis sem prejuízo da construção sintagmática em si, pois estruturalmente os MDs não estão integrados como constituintes essenciais. Vejamos uma ocorrência do que consideramos como independência sintática dos MDs:

(20) Entrevistadora: Então, ele que alugou a casa, conversou com o Dono?
 Informante 2: Exatamente, porque ele chegou aqui primeiro, eu vim depois, *entendeu?*

3.5.2 Resultados

A tabela a seguir mostra a frequência de ocorrência da relação sintática dos MDs identificados nas duas entrevistas.

TABELA 6 - Relação sintática dos MDs na amostra

Relação sintática com a estrutura oracional	Informante 1		Informante 2	
	Apl./total	%	Apl./total	%
sintaticamente dependente	20/32	17	12/32	14
sintaticamente independente	101/177	83	76/177	86
Total	121/209	58	88/209	42

Fonte: A autora (2016)

Conforme a tabela 6, há mais MDs (177 itens) que se apresentam sintaticamente independentes do que MDs (32 itens) sintaticamente dependentes, dentre os quais 83% de ocorrências de MDs sintaticamente independentes foram empregados pelo informante 1 e 86% pelo informante 2, das aplicações individuais dos MDs 121 e 88.

3.6 Pausa

3.6.1 Caracterização

No levantamento de nossa amostra, identificamos a ocorrência ou não de pausa antes ou posterior aos MDs: ocorrência de pausa anterior, ocorrência de pausa posterior e sem ocorrência de pausa.

A ocorrência de pausa anterior é quando ocorre pausa antes do MD. Vejamos uma ocorrência do que consideramos presença de pausa anterior aos MDs:

(21) Entrevistadora: Que línguas você fala? Quais idiomas?

Informante 1: Eu falo meu idioma Natal, *ahn* Criole e também falo Espanhol porque morei muito tempo em outro país e de Francê, pouca coisa, não sei muito em Francê eh Ingrê to aprendendo agora, mais ou meno, e Português to aprendendo ainda não falo muita coisa, mas falo mais bem meu idioma Criole e também Espanhol que idioma que eu estudei.

A ocorrência de pausa posterior é quando ocorre pausa depois do MD. Vejamos uma ocorrência do que consideramos presença de pausa posterior aos MDs:

(22) Entrevistadora: Ele fala espanhol também?

Informante 1: *mhm...* sim, Claro. Acho que sim.

A ausência de ocorrência de pausa é quando não ocorre pausa anterior e posterior aos MDs. Vejamos uma ocorrência do que consideramos sem ocorrência de pausa:

(23) Entrevistadora: E tu tá gostando do que tu tá fazendo, desenvolvendo... ou esta procurando outro emprego?

Informante 1: Eu to buscando sim, mas não é emprego. Eu tou buscando para sair do país, porque causa de que o salário que tá bem pouco, não consigo ajudar minha família. porque ali eu sai de lá para ajudar minhas irmã, porque ali é só eu de macho, só minhas mãe e minhas irmã, são como 5 muié e sou sozinho como homem, e *daí* eu sai para ajudar, e não consegui em verdade não to conseguindo ajudar, tá bem pouco o salário...

3.6.2 Resultados

A tabela a seguir mostra a frequência de ocorrência ou não de pausas que circundam os MDs identificados nas duas entrevistas.

TABELA 7 - Presença/ausência de pausa na amostra

Pausa	Informante 1		Informante 2	
	Apl./total	%	Apl./total	%
pausa anterior	38/76	31	38/76	43
pausa posterior	50/87	41	37/87	42
sem pausa	33/46	28	13/46	15
Total	121/209	58	88/209	42

Fonte: A autora (2016)

Conforme a tabela 7, dos 209 MDs utilizados pelos informantes, a maior parte dos MDs ocorre com pausas anterior e posterior. As frequências de pausa anterior do primeiro informante é 31% e do informante 2 é de 43%. Da mesma forma, os MDs com pausa posterior se dá em 41% das ocorrências de MDs empregados pelo informante 1, em 42% pelo informante 2, ficando somente uma baixa porcentagem de MDs sem ocorrência de pausa.

3.7 Sequência discursiva

3.7.1 Caracterização

No levantamento de nossa amostra, identificamos seis tipos de sequências discursivas em que os MDs estão inseridos: dissertação, descrição, citação, factual e relato de procedimentos, considerando o tipo de sequência que mais prevalece no contexto circundante ao dado em análise.

A sequência narrativa se constitui por relato verbal de um fato ou de uma história que ocorreu em um certo tempo ou lugar. Vejamos uma ocorrência em que o MD ocorre numa sequência narrativa:

(24) Entrevistadora: E tu tá gostando do que tu tá fazendo, desenvolvendo... ou esta procurando outro emprego?

Informante 1: Eu to buscando sim, mas não é emprego. Eu tou buscando para sair do país, porque causa de que o salário que tá bem pouco, não consigo ajudar minha família. porque ali eu sai de lá para ajudar minhas irmã, porque ali é só eu de macho, só minha mãe e minhas irmã, são como 5 muié e sou sozinho como homem, e *daí* eu sai para ajudar, e não consegui em verdade não to conseguindo ajudar, tá bem pouco o salário...

Na ocorrência acima, o informante 1 está contando de onde e por qual motivo ele saiu do país de origem. Além disso, narra sua situação financeira atual.

A sequência descritiva se constitui pelo trecho em que um fato, um objeto, uma pessoa ou um lugar é exposto detalhadamente em seus pormenores e detalhes. Essas peculiaridades podem ser divididas em basicamente dois grupos: o das características físicas e o das características psicológicas (pessoas e ambientes). Vejamos uma ocorrência em que o MD ocorre numa sequência descritiva:

(25) Entrevistadora: O que você gosta de fazer nas suas horas de lazer?

Informante 1: mhm, no sábado eu gosto de ler a Bíblia, *eh* olhar, assistir um filme, e também falar com meu amigo, os colega que mora lá, que eu gosto de conversar, para aprender alguma coisa melhor, e também os domingo eu gosto cozinhar aos domingo, lavar roupa, fazer alguma coisa e também assisti um filme eu gosto de olhar filme.

A sequência argumentativa se constitui por um trecho em que o informante fundamenta suas opiniões ou defende improvisadamente seus pontos de vista acerca de um determinado tema como política, economia, religião, entre outros. Vejamos uma ocorrência em que o MD ocorre numa sequência argumentativa:

(26) Entrevistadora: Você acha que o pessoal aqui de Chapecó é diferente?

Informante 1: Acho que bem diferente, um coisa que eu não gosto falar, acho que aqui é bem diferente Chapecó, exemplo que tem muita coisa diferente, em verdade eu não gosto de falar esse tema porque é bem penoso, porque *acho que* aqui Chapecó tem muito racista, sim, eu já sofri muito de isso.

O relato de procedimento se constitui por um trecho em que o entrevistado descreve os passos necessários na realização de determinadas tarefas, diretrizes para se montar um computador etc, bula de remédio, receita culinária. Vejamos uma ocorrência em que o MD ocorre numa sequência de relato de procedimento :

(27) Entrevistadora: Que temas que você busca na internet, que te interessa mais?
Informante 1: mhm, coisa que eu mais busco eh parte de um notebook eh como o sistema como posso fazer isso, porque tem muito colega que leva o not para eu formatar , e também tem dia que é bem difícil de formatar um not, porque eu formato com pendrive e tem dia que é bem difícil para eu formatar, eu busco na internet ", como eu posso fazer isso"? que porque não posso?" busco a marca "*ah*, a marca é nova?" " a marca é do Brasil"? porque as marca do Brasil tem dia que é bem difícil para formatar, que tem o.. quando você entra no bio, onde tem que formatar, que tem a coisa outro lado , outro lugar, entendeu ?

A citação é a sequência discursiva em que o falante corrente introduz a fala produzida por um terceiro interlocutor fora do evento conversacional em andamento, como apoio ao que diz. Vejamos uma ocorrência em que o MD ocorre numa sequência discursiva de citação:

(28) Entrevistadora: Quando estão mais em família, tem algum costume que vocês fazem nas horas de lazer? O que vocês gostam de fazer? "Ah, a gente gosta de escutar música, a gente gosta de olhar algum jogo"?
Informante 2: Mas verdade, eu não tenho tempo para fazer isso, só a semana, cada sábado..cada sábado, eu venho aqui na aula de português, depois chego na minha casa e tenho muito trabalho para fazer. Mas eu não tenho tempo, a verdade, assim para conversar. Só a gente se vê e " como vai você?" "*ah*, bem". Só isso.

A sequência factual se constitui por um trecho em que o falante informa sobre uma situação corrente, seu ramo de trabalho, seu grupo familiar, suas preferências e gostos culinários, sua escolha por determinados gêneros de filmes, seu grau de escolaridade, etc. Vejamos uma ocorrência em que o MD ocorre numa sequência factual:

(29) Entrevistadora: E essas pessoas que você se relaciona mais, na sua casa, neh, no seu bairro, perto da sua casa, o seu amigo que você conversa mais?
Informante 2: *mhm*, Sim.. sim. Tenho um amigo, *né*? porque tenho um amigo mas ele *éh*, ontem que falei com ele.

3.7.2 Resultados

A tabela a seguir mostra a frequência das sequências discursivas em que estão inseridos os MDs identificados nas duas entrevistas.

TABELA 8 - Sequência discursiva em que os MDs se inserem na amostra

Sequência discursiva	Informante 1		Informante 2	
	Apl./total	%	Apl./total	%
narrativa	8/11	7	3/11	3
descritiva	14/16	12	2/16	2
argumentativa	37/90	31	53/90	61
relato de procedimento	3/3	2	0/3	0
citação	15/22	12	7/22	8
factual	44/67	36	23/67	26
Total	121/209	58	88/209	42

Fonte: A autora (2016)

Conforme a tabela 8, os 209 MDs se inserem em diferentes sequências discursivas, ocorrendo com maior frequência nas sequências argumentativas e factuais nas entrevistas de ambos os informantes. Individualmente, 31% de ocorrências do MDs ocorrem em sequências argumentativas empregadas pelo informante 1 e 61% das ocorrências se encontram em sequências argumentativas empregadas pelo informante 2, ao passo que a sequência factual foi a segunda em que mais se evidenciou a presença de MDs: 36% pelo informante 1 e 26% pelo informante 2.

4 Considerações Finais

Nesta pesquisa, objetivou-se investigar o emprego dos MDs pelos imigrantes haitianos, adultos, do sexo masculino, aprendizes de português como segunda língua.

Os resultados apontaram que os informantes bilíngues em crioulo haitiano e português empregaram 209 MDs da língua portuguesa, dentre os quais 121 (58%) MDs foram usados pelo informante 1 e 88 (42%) foram produzidos pelo informante 2. As principais propriedades dos MDs empregados pelos imigrantes entrevistados são: a) inserem-se principalmente em contextos de planejamento verbal e busca de apoio; b) apresentam-se sem coocorrência de item circundante; c) ocupam a posição medial; d) são sintaticamente independentes; e) apresentam mais pausas anteriores; e, por fim, f) inserem-se em sequências argumentativas e factuais.

Deste modo, os entrevistados demonstram ter um domínio aprofundado do português, pois ao que tudo indica só se dominam regras de polidez de uma outra língua, em estágios mais avançados de fluência. Com isso, podemos afirmar que o uso relativamente alto de 209

MDs, demonstram um maior desenvolvimento da L2 por esses imigrantes haitianos aprendizes de português, para reafirmar essa hipótese podemos citar o uso frequente de MDs derivados de verbos com 26 (39%) ocorrências pelo informante 1 e 29 (47%) ocorrências pelo informante 2, demonstrando um grau elevado de proficiência no português brasileiro.

A partir desta pesquisa poderão ser sugeridas as seguintes investigações futuras:

- Ampliar o *corpus*, através do estudo das questões sociais e inclinações pela preferência de emprego de determinados MDs;
- Aprofundar através de dados quantitativos, os níveis de proficiência dos aprendizes de Português como L2.

REFERÊNCIAS

AIUB, Giovani Forgiarini. O sujeito entre língua materna e estrangeira: *Lugar de interferências, historicidades, reverberações*. /Giovani Forgiarini Aiub. Curitiba: Appris, 2014.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. *Fundamentos de Abordagem e Formação no ensino de PLE e de outras Línguas*. Campinas-SP: Pontes Editores, 2011.

ANDRIGHETTI, Graziela Hoerbe. *A elaboração de tarefas de compreensão oral para o ensino de português como língua adicional em níveis iniciais*. Porto Alegre-RS: Lume, 2009.

BARBOSA, Lorena Salete. *Imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul e sua inserção no contexto sócio-cultural brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Maria, 2015.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (org). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 7ª Ed. 2013.

CURIOLETTI, Daiane Sandra Savoldi; BORTOLOTTI, Paula Cristina Merlo. *Trajetórias das línguas estrangeiras (Les) e, a situação das línguas minoritárias no currículo escolar brasileiro*. Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Mestrado em Estudos Linguísticos. Chapecó-SC.

DAL MAGO, Diane. *Quer dizer: percurso de mudança via gramaticalização e discursivização*. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

DULAY, H. C., & BURT, M. K. *Natural sequences in child second language acquisition*. In: Evelyn Hatch (ed). *Second language acquisition*. Newbury House Publishers, 1972.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br>>. Acesso em 01/06/2016.

LEIRIA, Isabel. *Português língua segunda e língua estrangeira: investigação e ensino*. Departamento de linguística Geral e Românica da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Acesso em 08/06/2016.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. 5. ed. São Paulo, Ática, 2006.

_____. *Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções*. Campinas: Unicamp, 1989.

MACEDO, A. T. de & SILVA, G. M. de O. *Análise sociolingüística de alguns marcadores conversacionais*. Rio de Janeiro: UFRJ: Tempo Brasileiro, 1996.

MCCLEARY, Leland. *Sociolinguística*. Universidade Federal de Santa Catarina, Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância, Florianópolis-SC, 2007. Disponível em:
<http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/sociolinguistica/assets/547/TEXTO-BASE_Sociolinguistica.pdf> Acesso em 08/06/2016.

MOTA, Mailce Borges. *Aquisição de segunda língua*. Universidade Federal de Santa Catarina, Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância, Florianópolis-SC, 2008. Disponível em:
<http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/aquisicaoSegundaLingua/assets/630/Texto-base_disciplina_AQUISICAOL2.pdf>. Acesso em 08/06/2016.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, SP : Mercado de Letras : Associação de Leitura do Brasil, 1996.

RASO, T. O contato intraindivíduo. Aquisição de L2 e erosão de L1 no Brasil. In: MELLO, H; ALTENHOFEN C.V; RASO, T (Orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

RONCARATI, Claudia; MACEDO, Maria Alzira Tavares de, (Orgs.). *Aquisição em marcadores em primeira e segunda língua*. Rio de Janeiro -RJ: Tempo Brasileiro, 1997.

ROST, Cláudia A. *Olha e veja: multifuncionalidade e variação*. 2002. 158 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós Graduação em Linguística – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

ROST SNICHELOTTO, Cláudia A. “Olha” e “vê”: caminhos que se entrecruzam. 2009. 408 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

RISSO, M. S. *Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura Bom, Bem, Olha, Ah, no português culto falado*. In: NEVES, M. H. de M. (org.). Gramática do português falado. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999, Vol. VII.

SCHERER, Eliane. *De verbo causativo a marcador discursivo em Santa Catarina*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2014.

SCHLATTER, M; GARCEZ, P. M. Línguas Adicionais (Espanhol e Inglês). In: Rio Grande do Sul, Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico.(Eds.). *Referências Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: linguagem, códigos e suas tecnologias*. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico, 2009, v. 1, p 128.

TRAPP, Kelly. *Os marcadores discursivos sabe? e entende? na fala de informantes do município de Chapecó/SC*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2014.

URBANO, H. *Marcadores Conversacionais*. In: PRETI, D. (org.). *Análise de textos orais*. 3 ed. São Paulo: Humanitas Publicações. FFLCH/USP, 1997.

Resumen: En este trabajo investigamos el uso de los marcadores discursivos (MDs), en habla de 2 informantes haitianos, adultos, sexo masculino, ubicados en Chapecó, Santa Catarina, originarios de Haití, que están en fase de aprendizaje del portugués, como segunda lengua. Los informantes están en Brasil con la intención de trabajar en agroindustrias del oeste catarinense y estudiar. Actualmente los dos frecuentan las clases del taller “Português para Estrangeiros” ofertado por becários (estudiantes de graduación en Letras Portugués y Español – Licenciatura) del Programa de Educación Tutorial (PET) Conexión de Saberes, de la Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus Chapecó/SC*. Los datos fueron colectados por medio de entrevistas sociolingüísticas hechas en portugués por la autora de esta investigación y grabadas en audio. Después de la audición de las entrevistas, fue hecha la transcripción para identificación de los MDs. La pregunta que orientó la investigación fue cuáles formas y contextos en que son empleados los MDs por los inmigrantes haitianos que viven en Chapecó, aprendices de portugués como su segunda lengua. Los resultados apuntaron que los informantes bilingües en criollo haitiano y portugués emplean 209 MDs de la lengua portuguesa, dentre los cuales, 121 (58%) MDs fueron usados por el informante 1 e 88 (42%) por el informante 2. Las propiedades de los MDs empleados por los inmigrantes entrevistados son: a) inseren-se principalmente en contextos de planeamento verbal y busca de apoio; b) presentan-se sin coocurrencia del ítem circundante; c) ocupan la posición medial; d) son sintacticamente independientes; e) presentan más pausas anteriores; y, por fin, f) inseren-se en secuencias argumentativas y factuales.

Palabras clave: marcadores discursivos;haitianos;portugués como segunda lengua.